

O PORTUGUÊS LITERÁRIO DO CABO VERDE

Michel Laban
Universidade de Paris III

Um dos aspectos mais notáveis da revolução cultural levada a cabo pela revista *Claridade*, a partir de 1936, é com certeza o da opção lingüística. Com efeito, desde a primeira página do primeiro número, inteiramente dedicada a um poema tradicional em língua cabo verdiana, o leitor vê-se confrontado com a situação de diglossia que caracteriza a sociedade do arquipélago. Na segunda página do mesmo número, um excerto do romance *Chiquinho*, de Baltasar Lopes, apresenta pela primeira vez um texto escrito num português impregnado de elementos locais. Se esta “língua de compromisso”, como a denominou mais tarde o escritor Henrique Teixeira de Sousa¹, aparecesse unicamente nos diálogos, poderia tratar-se de uma simples coloração folclorista, como costuma acontecer na literatura regionalista; mas, aqui, esta opção lingüística reflete-se também na própria narração: a “língua de compromisso” ganha assim foros de verdadeiro sistema de expressão.

A inovação cultural introduzida pela revista *Claridade* torna-se ainda mais evidente se examinarmos a produção literária, essencialmente poética, que a precedeu. Que se trate de Guilherme Dantas (1849-1888), Eugênio Tavares (1867-1930), Januário Leite (1867-1930), Pedro Cardoso (1890-1942) ou José Lopes (1872-1962), a expressão corresponde exactamente à norma da metrópole. Vejamos por exemplo alguns versos de Guilherme Dantas, cantando a sua terra natal, a ilha da Brava:

Oh minha terra!... Exausto da romagem,
só no teu seio encontro algum descanso!
és o oásis florido, a branda aragem
do meu deserto, o plácido remanso!...²

O poeta José Lopes, mesmo depois da revolução claridosa, continua a cultivar os mesmos modelos herdados do século XIX: a expressão é nobre, por vezes enfática, e a métrica cinge-se às regras clássicas. Eis por exemplo a primeira quadra de um soneto escrito em 1946:

Intérpretes dos Povos, os Poetas
 Traduzem o sentir da Humanidade.
 Da Alma Coletiva, e em nossa Idade
 Eles substituíram os Profetas.

Muitos poemas de José Lopes foram escritos em inglês, em francês e, até, em latim, mas nenhum na língua do povo de Cabo Verde.

Quanto a Eugênio Tavares e Pedro Cardoso, devemos notar que uma parte importante da sua obra foi escrita em cabo verdiano. No entanto, nos seus poemas em língua portuguesa reencontramos as mesmas características que notamos na obra de José Lopes ou Guilherme Dantas. Este peso da norma de Coimbra explica-se naturalmente pela situação colonial, mas também pela influência do seminário-liceu da ilha de São Nicolau que, a partir de 1866 e até à fundação, em 1917, do liceu de São Vicente, exerceu um papel essencial na formação da elite cabo-verdiana.

Em 1936, quando saiu o primeiro número da *Claridade*, a situação já era diferente. A língua cabo verdiana começara a emergir na literatura, com a publicação das *Mornas*, de Eugênio Tavares, em 1932, e do *Folclore Caboverdiano*, de Pedro Cardoso, em 1933. Por outro lado, Baltasar Lopes, um dos principais intervenientes do grupo claridoso, acabara em 1930 o curso de Filologia românica na Faculdade de Letras de Lisboa e regressara a Cabo Verde com a intenção - como lho tinha aconselhado o seu professor, José Leite de Vasconcelos - de estudar o “dialeto” do arquipélago. Por fim, é preciso contar com a influência do modernismo brasileiro, particularmente no que se refere ao aproveitamento literário da língua popular. Aliás, Baltasar Lopes recorda o seu alumbramento ao descobrir a “Evolução do Recife”, de Manuel Bandeira. Os jovens intelectuais de 1936 também não podiam ficar insensíveis à “língua errada do povo/ língua certa do povo”, não podiam continuar a “macaquear / a sintaxe lusíada”. Um outro fundador da *Claridade*, Manuel Lopes, declarou que já era tempo de “fincar os pés na terra”, mas evidentemente a situação lingüística de Cabo Verde era bem diferente da do Brasil.

Querendo “fincar os pés na terra” e, assim, identificar-se com o povo das suas ilhas, os escritores claridosos encontravam-se perante um dilema: ou escreviam em português e se afastavam do povo, ou escolhiam o cabo verdiano e reduziam consideravelmente o seu número de leitores. Tratava-se de um verdadeiro dilema, pois seria errado considerar que o povo cabo verdiano era (e é) globalmente bilingüe. Como nos diz Nelson Eurico Cabral, funcionário cabo verdiano da Unesco e autor de *le Moulin et le Pilon. Les Iles du Cap-Vert*, “uma boa metade da população adulta compreende dificilmente o português e, em todo o caso, é incapaz de o falar correntemente.”³

Por outro lado, vários fatores se opunham (e continuam a opor-se) ao desenvolvimento literário da “língua das ilhas”. Primeiro, apesar de uma unidade global, existem duas variantes principais, a de Sotavento e a de Barlavento, o que por vezes cria dificuldades de comunicação. Depois, a língua cabo verdiana até hoje não é ensinada nas escolas do arquipélago, e também não existe nenhuma norma ortográfica oficial. De qualquer modo, quer escrevesse em cabo verdiano, quer em português, até à independência o escritor estava confrontado com uma alta taxa de analfabetismo⁴. Esta situação fez com que, particularmente no domínio da prosa, a língua portuguesa aparecesse finalmente como o instrumento mais adequado à expressão escrita, o único também que facilitasse o contacto com os leitores de outros países.

O “fincar os pés na terra” levou portanto os escritores da *Claridade* a exprimir-se em português, mas, como vimos, num português que se poderia qualificar de *virtual* na medida em que integrava, adaptando-os, elementos locais numa síntese mais ou menos artificial. No entanto, o carácter artificial deste português literário de Cabo Verde não é reconhecido por todos os escritores. Por exemplo, Henrique Teixeira de Sousa não só reivindica a língua portuguesa como fazendo parte do património cultural do arquipélago, mas declara que os cabo verdianos são trilingües: “Temos o crioulo, temos o português claridoso [...] e o português domingueiro, correto e vernáculo, que usamos no ensaio, nos relatórios, nos ofícios, nos discursos, na correspondência, etc.”⁵ Notemos que Henrique Teixeira de Sousa utiliza a expressão “português claridoso” e não “português de Cabo Verde”, o que restringe o alcance da “língua de compromisso” que ele defende.

Para Vasco Martins, pode-se falar mesmo na existência dum português de Cabo Verde:

“Eu quando falo português, não falo o “português português”: é impossível para mim, mesmo na pronúncia [...]. O nosso português é marcado pelo crioulo, evidentemente. Um amigo meu me disse uma vez, por exemplo, *o importante na vida é estar com os olhos vivos no melão... Melom*, em crioulo, são as pequenas cavalas e os pescadores têm que estar com os olhos apontados, vivos. Portanto a expressão significa em crioulo: estar sempre com atenção nas coisas, para não ser enganado. É evidente que aí um português não compreende [...]. Um dos nossos velhos problemas em português é a confusão entre *lhe* e *o*. Mas tem que se aceitar esta característica, não se trata de português mal falado.”

Para outros escritores, como Germano Almeida, a expressão *português de Cabo Verde* não corresponde à realidade:

“As pessoas precisam falar a língua [o português] mas não a dominam, portanto deturpam o português. As pessoas conhecem a palavra em crioulo e

dizem-na em português, e foi isso que o Baltasar (Lopes) fez: não inventou. Agora, dizer que isto é o português de Cabo Verde, acho que é ir longe de mais... Não será bem, porque as pessoas que sabem falar português não falam assim.”

O poeta Mario Fonseca, Presidente do Instituto Nacional de Cultura de Cabo Verde, também duvida da existência dum português de Cabo Verde:

“Parece-me que seria difícil dizer que existe um português de Cabo Verde. [...] No que diz respeito à maioria das pessoas, parece-me que, se há um português de Cabo Verde, é porque as pessoas falam muito mal o português: ou porque não o estudaram, ou porque o estudaram muito pouco e não têm o comando da língua. Daí que, ao quererem falar português, elas crioulizam o português. Porque aqueles que estudaram o português e têm o comando da língua falam um português que está próximo da norma.

[...] Em termos de escrita, acredito que os prosadores em Cabo Verde - tanto Baltasar como Roque Gonçalves, como Onésimo Silveira, como Germano Almeida e outros - muitas vezes criam uma língua que não é exatamente a norma portuguesa. [...] O povo de Santo Antão pode eventualmente falar desse modo se tiver que falar português. Mas em realidade ele não sabe falar português: fala um português errado em relação à norma.

Referindo-se a um romance de Onésimo Silveira, *A Saga das As-secas e das Graças do Nossenhôr*. Mário Fonseca acrescenta que as personagens

“não vivem num contexto em que se exprimem em português dessa maneira: exprimem-se em crioulo. [O autor] está a dar em português o que foi vivido em crioulo. Nesse caso, é uma criação literária - mas uma criação baseada sobre uma realidade: é uma sistematização dum discurso que estaria na boca de populares se eles tivessem que falar português ou quando têm que falar português. / Portanto, utilizar a expressão *português de Cabo Verde* induziria em erro. Com a generalização do uso do português, que só vai aparecer mais tarde, quando o crioulo tiver o estatuto que deve ter e entrarmos numa fase de normalização lingüística em Cabo Verde, eu acredito que nesse momento vai aparecer um português de Cabo Verde: um português que de certeza não será o de Portugal nem o do Brasil, que eventualmente poderá ter algumas semelhanças com o português do Brasil... É uma simples hipótese. / Por enquanto, só se pode falar do *português literário do Cabo Verde*.”

Escutemos por fim a opinião do lingüista Manuel Veiga, autor do primeiro romance em cabo verdiano, *O ju d'agu*, publicado em 1986:

O português pode não ser uma língua estranha, mas é uma língua estrangeira. A maior parte da população pode apreender o português a um certo nível - mas, a um outro nível já não apreende, e sobretudo não fala. Pode perceber, mas não fala.

A diversidade dos pontos de vista que acabamos de observar mostra bem a dificuldade da análise e leva-nos finalmente a considerar que o português de *Chiquinho* tem, antes de tudo, um carácter literário e, eventualmente, uma realidade social que poderá vir a desenvolver-se.

*

Observemos agora algumas características desta “língua de compromisso”. Interessar-nos-emos pelos desvios em relação à norma de Lisboa, pois são eles que põem em relevo a personalidade lingüística da ex-colônia.

Do ponto de vista lexical, comecemos por reparar que alguns elementos provêm do português clássico, outros existem como regionalismos em Portugal e outros ainda pertencem também ao português do Brasil.”

Do português clássico, notemos *mantenha*⁷ [que Luís Romano define assim: “Cumprimentos; lembranças; saudações. (Antiga expressão que ficou, quando se despedia ou finalizava uma carta, assim: *Que o Senhor vos mantenha!*, ou ainda: *Que Deus vos guarde e mantenha!*”)], *dias há* (Teixeira de Sousa: “*Há algum tempo* e não “*há alguns dias*”. Também significa *há muito tempo*. Esta expressão é arcaica. Encontra-se algures em Camões. Conservou-se nas ilhas de Barlavento”), *fidalgo* (Baltasar Lopes: “Sentido geral de *comedido, elegante, delicado, de linhas esbeltas*”), *manhana*¹⁰ (Baltasar Lopes: “Forma antiga do português, que sobreviveu na ilha de Santo Antão, onde designa o *alvor nascente de ante-manhã*”) ou, ainda, *nação*¹¹ (Baltasar Lopes: “Muito empregada, a palavra, no sentido de *família, progénie, geração*. Sentido que se aproxima do latim *gens* e do de *família extensa*. *Ser da nação de alguém* é ser parente, mesmo afastado.”). A propósito deste último termo, observemos como Luís Romano cria uma série de formas a partir de expressões da ilha de Santo Antão: *nação da família*¹², *nação de família*¹³ ou *nação-de-família*¹⁴, *nação-de-nossa-gente*¹⁵, *nação de gente*¹⁶ ou *nação-de-gente*¹⁷ (todas estas expressões tendo o mesmo significado que *nação*, que Luís Romano define assim: “Grupo ou indivíduos com caracteres comuns; conjunto dos habitantes de um território, ligados por laços de sangue e considerados como pertencentes à mesma Família Étnica; povos da mesma origem e tradições; pessoa do mesmo clã, raça, casta, naturalidade e religião; parentes, com a mesma afinidade tribal, vivendo numa comunidade”); e também *nação de lugar*¹⁸ ou *nação do nosso lugar*¹⁹ (“Local; etnia”), *nação de mulher*²⁰ (“Condição feminina”) e, por fim, *nação-de-sangue*²¹ [Consangüinidade familiar; parentesco entre os que procedem da mesma família étnica. (Reminiscência hebraica?)].

Passemos agora aos termos que persistiram também como regionalismos em Portugal - por exemplo *balaio* [usado no sul de Portugal, em Africa de língua portuguesa e no Brasil. Eis a definição de Orlanda Amarílis: “Cesto redondo e pouco fundo para *tender*²² o milho. Os balaies *retagulares* e fundos

servem para se trazer as compras. (Vocábulo português em desuso, mas que ficou em Cabo Verde”], *agachado*²³ (significando *escondido* na Beira Alta como em Cabo Verde) ou *xerém* (termo que se usa no sul de Portugal e que Luís Romano define assim: “Farinha grossa de milho, bem cozida e homogênea, que serve para diversas aplicações na culinária cabo verdiana, sobretudo o xerém de boda, prato tradicional nas festas de casamento, que se come com molho de carne”). A palavra *xerém* também se usa no Brasil, com um significado mais ou menos similar²⁴.

Vejam os já agora as correspondências com o português do Brasil, que são freqüentes: por vezes, como aconteceu com *xerém* e *balaio*, há uma superposição com o português que se fala em Portugal fora de Lisboa - é o caso de *botar* (em vez de *pôr*) ou de *moço* (geralmente substituído em Lisboa por *rapaz*, mas que, também, tem muitas vezes em Cabo Verde uma função apelativa²⁵). Noutros casos, a analogia diz respeito unicamente ao português do Brasil - por exemplo *aboio* (Baltasar Lopes: “Canto dos rapazes enquanto tangem os bois ajouçados à canga do trapiche”), *brabo* (Manuel Lopes: “*Brabo* implica energia. *Impetuoso*. *Chuva braba*; em enxurrada. *Homem brabo*: agressivo, corajoso, indomável”), *chaleira* (lisonjeador), *cristão* (indivíduo, pessoa), *espiar* (ver), *mamãe*, *papai*, *sobrado* (Baltasar Lopes: “Na ilha do Fogo é a casa nobre de dois ou mais pisos”) ou *virar* (tornar-se).

Notemos ainda a existência de termos que se encontram também no português padrão, mas com um significado diferente. É o caso de *balanço*²⁶ (Baltasar Lopes: “Trabalho, conjunto de preocupações com alguém”), *caco*²⁷ (copo de aguardente), *prenda*²⁸ (Baltasar Lopes: “Palavra usadíssima, se não exclusiva, para designar a instrução escolar. Vem do verbo *aprender*, com aférese, se não foi tomada diretamente da palavra portuguesa *prenda*”), *castelo* (Manuel Lopes: “Pequena habitação circular, de teto cônico, muito rudimentar, com ou sem parede. Tipo africano. Conhecido também por *funco*. Julgo que o termo *castelo* é só utilizado em Santo Antão”), *condenar*²⁹ (Baltasar Lopes: “Além do seu sentido português, tem o de *acusar*, por uma espécie de prolepse ou antecipação de sentido, e *denunciar*”), *eloqüente*³⁰ (Manuel Ferreira: “Esperto; inteligente; capaz”), *pelourinho* (mercado), *pillar* (socialco), *rocha* (montanha), etc.

Do ponto de vista morfológico, convém destacar o uso freqüente de hifens para a formação de expressões. Vejam os por exemplo a série construída a partir do termo *água*: *água-da-dianteira* [Luís Romano: “Líquido amniótico, hemorragia que precede o parto (*Dientêra* = *Dianteira*: A parte da membrana uterina, interna, que primeiro se rompe no trabalho do parto)”], *água-de-lume* [Luís Romano: “Alcool puro. (Termo popular para exprimir a ardência do seu elevado teor alcoólico, semelhante ao lume - = fogo - ao ser ingerida, lembrando aguardente forte)”], *água-de-mel* ou *aguinha-de-mel* (*água-mel* ou *hidromel*), *água-de-olho* ou *água-dos-olhos* (lágrimas), *tirar água-do-mar*³¹ [Oswaldo

Osório: “Beber aguardente. (Aplica-se em São Vicente quando uma pessoa acaba de fazer uma longa viagem por mar)”, *em cima da água-do-mar* (Luís Romano: “Expressão corrente de Cabo Verde designando o elemento marítimo habitual onde trabalha a maior parte dos cabo verdianos, que lhe dão assim um sentido familiar”), *ficar numa aguinha-de-pote*³² (Nuno de Miranda: “É do tempo em que em São Vicente de Cabo Verde não havia água canalizada: a água era comprada em potes que se levavam à cabeça até à central distribuidora de água, que a recebia por sua vez de Santo Antão, em navios contentores. Portanto uma *aguinha-de-pote* é uma água diminuta, restrita. *Ficar numa aguinha de pote* exprime a pequenez”).

Luís Romano, que recorre muitas vezes a este processo de aglutinação, explica-nos a sua estratégia criativa:

A presença dalgumas formas aglutinadas, encontradiças nalgumas das minhas obras literárias de expressão cabo verdiana, se explica simplesmente pela preocupação de melhor conseguir a tradução de termos locais (Cabo Verde) para o português. Por exemplo: não existe na nossa língua popular a palavra erudita *cerâmica*: para compensar essa deficiência, em Santo Antão, emprega-se o composto *barro-da-Boavista*. Pensamos que se o termo não fosse ligado por traços de união - hífen -, não significaria *cerâmica*, mas sim qualquer barro daquela ilha. O mesmo fica valendo para *boca-da-ribeira* = *foz*; *vara-de-marmelo* = *galho de marmeleiro*; exemplos que correspondem à necessária realidade lingüística cabo verdiana, e fator que nos levou a adoptar esse critério, já que o Idioma Cabo verdiano ainda está em formação, ajustamentos e sínteses adaptativas.”

Estas explicações de Luís Romano, os “ajustamentos” a que teve que proceder, mostram bem a dificuldade que os escritores cabo verdianos têm que enfrentar, sobretudo no domínio lexical, caracterizado naturalmente pela multiplicidade das formas e, portanto, pela multiplicidade das soluções a encontrar. Aliás o número relativamente elevado de formas que apresentam uma única ocorrência (isto é, os hápax) é significativo do carácter por vezes experimental da criação levada a cabo pelos escritores cabo verdianos - por exemplo *acachar*³³, que Luís Romano define assim: “*Cachar* = *agachar* = esconder-se encolhido; encobrir-se abaixando-se para não ser visto”, recorrendo à analogia que liga o verbo francês *acher* (esconder) e o português *agachar* (que pode ter em Portugal, como já vimos, o significado do francês). Outros exemplos: *acolegar*³⁴ [João Lopes Filho: “Conviver (relação de camaradagem)”), *agrupinhado*³⁵ [Orlando Amarilis: “Aos pequenos grupos (agrupados)”), *ajoujado*³⁶ [Manuel Lopes: “Aflito. do português *ajoujado*?” (Crioulo: *jonjóá*)”), etc.

Perante tal diversidade de significados, os autores sentiram por vezes a necessidade de fornecer definições. Talvez pensassem nos leitores das outras

ilhas, mas o mais provável é que tivessem em mente o público estrangeiro ao arquipélago. É possível também que tenham sido pressionados pelos editores (portugueses ou brasileiros). Alguns escritores puseram notas de rodapé, outros elaboraram glossários, outros ainda preferiram introduzir as explicações na própria narração³⁷.

Convém aqui sublinhar a originalidade da solução encontrada por Luís Romano em *Negrume (Lzimparin)*, cada texto (trata-se de contos e de poemas) é apresentado em cabo verdiano e logo a seguir em “português aproximado”- a expressão é do escritor -, sem nenhuma nota ou glossário, constituindo assim uma das experiências mais ricas da literatura cabo verdiana.

No domínio morfo-sintático, em contrapartida, constatamos uma certa homogeneidade - devida, naturalmente à influência das estruturas da língua cabo verdiana. Assinalaremos por exemplo a inversão da colocação dos complementos direto e indireto: “É para Chiquinho ler mamãe uma carta que veio da América...”ou “tirava Tói comida que ele estava jantando”³⁸, que Baltasar Lopes analisa da seguinte maneira:

“A ordem dos elementos sintáticos na expressão (preposição, verbo, complemento indireto, complemento direto) reflete a praxe uniforme da sintaxe do crioulo - em que a falta da preposição *a* (que em português rege o complemento indireto, isto é, o dativo de proveito ou de direção) é suprida pela deslocação da ordem em que normalmente tal complemento se dispões na frase.”

Acrescentamos que o mesmo tipo de construção aparece nas obras de Manuel Lopes, Manuel Ferreira, Germano Almeida, João Rodrigues, Onésimo Silveira, etc.

Como no domínio lexical, algumas particularidades sintáticas lembram o português do Brasil (por exemplo, a elipse do artigo³⁹) mas, muitas vezes, detrás do português do Brasil, reencontramos estruturas que são freqüentes no português clássico: é o caso do uso da preposição *em* depois dum verbo de movimento, da colocação do pronome complemento⁴⁰, da substituição do pronome complemento pelo pronome sujeito⁴¹, etc.

Naturalmente, no quadro desta apresentação só podemos dar uma idéia sucinta da vasta síntese efetuada desde 1936. No entanto, no domínio das literaturas africanas, a experiência levada a cabo pelos escritores claridosos representa o primeiro caso de síntese de uma língua de origem européia e de outra de origem local. Para presenciar um fenômeno comparável nas ex-colônias portuguesas, será preciso esperar quase trinta anos em Angola⁴² e mais de quarenta em Moçambique⁴³.

Sublinhemos por fim o papel de dois escritores, Baltasar Lopes e Luís Romano, que se dobruçaram, cada um à sua maneira, sobre a questão que nos

preocupa aqui. O primeiro, em *O Dialeto Crioulo de Cabo Verde*, procedeu a uma larga análise filológica e semântica, pondo em relevo as correspondências com o português clássico e o português do Brasil. O segundo, em *Cabo Verde - Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio*, estabeleceu uma lista de 1800 termos em “português aproximado” derivados principalmente do cabo verdiano falado na ilha de Santo Antão. Tanto o primeiro como o segundo devem ser considerados como verdadeiros militantes da língua (ou das línguas) de Cabo Verde.

Michel LABAN

NOTAS

- 1 - V. Michel LABAN, *Cabo Verde - Encontro com Escritores*. p. 207.
- 2 - V. *Raízes* no 21, p 174.
- 3 - *Le moulin et le pilon. Les îles du Capvert*. p. 108.
- 4 - “A taxa de analfabetismo, em 1992, era de 25%, valor dos mais baixos da Africa. Este valor é resultado de uma intensa campanha de alfabetização iniciada em 1975, altura em que a taxa rondava os 65%”- *Guia do Terceiro Mundo*, Lisboa: Tricontinental Editora, 1993, p. 537.
- 5 - Todas as declarações relativas à questão lingüística pertencem a um inquérito que realizei entre 1989 e 1994.
- 6 - As definições que seguem foram recolhidas junto dos autores e serão publicadas num inventário do *português literário de Cabo Verde*, atualmente em preparação.
- 7 - Baltasar Lopes, *Chiquinho*, p. 18: “ia sempre receber as suas mantenhas.”; p. 19; “com muitas mantenhas do Papai sempre amigo”.
-Manuel Lopes, *Chuva Braba*, p 15: “Ora sim, dá-lhe mantenhas e diz-lhe que passarei por lá antes do fim da semana.”
- Luís Romano, *Famintos*, p. 225: “A vizinhança veio saber das mantenhas e notícias dos parentes”; p. 242; “tinha mais de uma dúzia de anos na Terra-Longe, sem mandar nem mantenha, nem boas novas.”
- 8 - Teixeira de Sousa, *Djunga*, p. 17: “A comida está na mesa dias há.”; p. 182: “Antônio sapateiro morreu dias há - disse ela com dificuldade. / - Eu não sabia[...] / - Homem, há mais de trinta anos que ele se acha lá em baixo.”; p. 304: “Inclusive nos damos ao luxo de ainda usar vocábulos que dias há em Portugal tombaram na Torre do Tombo.”
- 9 - Baltasar Lopes, *Chiquinho*, p. 129: “-Chiquinho é muito fidalgo no comer

- dizia Tia Alzira. / Fidalgo. Este velho adjetivo de S. Nicolau agrava-me. Ele afuselava as minhas linhas físicas e morais.”
- 10 - Baltasar Lopes, *Claridade* no 7, p. 30: “ainda a manhana não tinha luzido”.
- 11 - Baltasar Lopes, *Chiquinho*, p. 114: “- Sou Joaquim Naninho, da nação de Gaída Branca, você não conhece? / - Conheço, conheço, velho... Gente direita e com que de seu...”
- Luís Romano, *Famintos*, p. 113: “Muito povo já foi enterrado, sem papel, sem notícia de nação dos seus antigos.”; p. 247: “mandou praga maior, por cima da família e de toda a nação de Nhinhô.” *Negrume*, p. 32: “é o nome da nação da sua mãe.”
- 12 - *Negrume*, p. 44: “ele não tinha consciência nem sangue de cristão da mesma casta. Nem o parecer da mesma nação da família!”
- 13 - *Negrume*, p. 99: “a minha nação de família morreu sangrada / a esperar venturas / e acabou-se toda”
- 14 - *Negrume*, p. 217: “o povo esta a vir d’As-casinhas e do Cabouquinho-de-Tintas, num alvoroço, em cata das suas nações-de-família.”
- 15 - *Negrume*, p. 70: “Tens o corpo fechado, uma graça e segredo que só foram deixados na nação-da-nossa-gente.”
- 16 - *Negrume*, p. 199: “a minha nação de gente é daqui mesmo onde eu nasci”.
- 17 - *Ilha*, p. 29: “eram de uma nação-de-gente de doença-fraca”.
- 18 - *Famintos*, p. 304: “Leva o filho-da-terra para a casa, arranja trabalho para ele, só porque é da mesma nação de lugar.”
- 19 - *Renascença*, p. 147: “Mais tarde, em Dacar, fomos convidados para uma cachupada, num ambiente patricio. Ela estava maravilhosa! , quem a fez era da “nação do nosso lugar”.
- 20 - *Negrume*, p. 115: “Todo o condão que Tina tinha do segredo da sua nação de mulher era para dar-me;”
- 21 - *Ilha*, p. 89: “Passavam anos e, já mães-de-filho, vinham à Casa-Grande assistir ao passamento dos tios ou padrinhos, por uma questão de nação-de-sangue.”
- 22 - *Tender* - Orlanda Amarílis: “Sentido de *estender* o milho espalhando-o sobre o balaio e, com gesto cadenciado, fazê-lo saltar de modo a soltar o farelo para o chão. E por quê? Porque o milho é batido (*cotchido*) no pilão enquanto vai sendo umedecido com água. Ele não se parte mas faz soltar a película que envolve o grão e que é o farelo. Assim preparado fica em condições de se fazer a *catchupa*. A esta operação diz-se *tentê* em crioulo: daí *tender*.”

- 23 - João Lopes Filho, *Estória, Estória...* p. 57: “os casebres agachados na ladeira”.
- 24 - V. Luíz da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 6ª ed., Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1988, p. 803: “Xerem. Milho pilado para cuscuz e bolo. O tipo mais grosso é a comida de pintos [...]”
- 25 - Luíz Romano, *Ilha*, p. 66: “Moço, que estás fazendo por cá, sozinho neste mundo?”
- 26 - Baltasar Lopes, *Chiquinho*, p. 11: [A casa] “povoou-se das imagens que enchiam o nosso mundo. O nascimento dos meninos. O balanço da criação.”; p. 217: “Se Chiquinho for carga pesada, nós, que o agüentámos tamaninho, poderemos, louvado Deus, sustê-lo neste balanço...”
- 27 - Nicolau de Tope Vermelho, *Ponto & Virgula* nº 10/11, p. 36: “O melhor é a gente ir tomar um caco para esquecer o assunto e comemorarmos o nosso encontro. Há muito que não tomamos um caco juntos.”
- 28 - Baltasar Lopes, *Chiquinho*, p. 212: “Chiquinho virou soberbo com a prenda que foi buscar em S. Vicente...”; p. 216: “é um bocado perigoso a gente dar prenda aos filhos. Você sabe, comadre, esses moços de agora pensam que eles é que fizeram o mundo...”; p. 248: “A prenda que tinha na cabeça imunizava-se contra o trabalho agrícola.”
- 29 - Baltasar Lopes, *Chiquinho*, p. 50: “Um garoto veio condenar um companheiro que lhe estava tirando penicos nas pernas. Quatro palmatorradas.”
- 30 - Manuel Ferreira, *Voz de Prisão*, p. 16: “Mimi é minha netinha, uma perralinha de sete anos, desta alturinha assim, uma hora por outra vem fazer uma visitinha à vovó. É uma menina muito eloqüente”.
- 31 - Oswaldo Osório, *Raízes* no 17/20, p. 99: “vamos passar primeiro por minha casa para o comrade tirar água-do-mar...”
- 32 - Nuno de Miranda, *Cais de Pedra*, p. 290: “Mas, na verdade, frias, eram as malhas da realidade. E esta fez com que caísse em si, reentregando-lhe a lucidez. Ficou-se, assim, numa aguinha-de-pote, apesar do desejo de chorar um brada, Maria!, aquela morna de angústia”.
- 33 - Luís Romano, *Negrume*, p. 30; “Quem tem má olhada acacha sua cabeça!”
- 34 - João Lopes Filho, *Estória, Estória...*, p. 79; “Desde rapazotinho que gostava de acolegar com ele.”
- 35 - Orlanda Amarílis, *Ilhéu dos Pássaros*, p. 68; “Outros (homens e rapazes) ficavam agrupados num canto”.
- 36 - Manuel Lopes, *Os Flagelados do Vento Leste*, p. 60; “Andavam prai ajonjados, a falar ruim antes do tempo... agora levantaram a crista.”

- 37 - É o caso de Manuel Lopes no seu romance *Os Flagelados do Vento Leste*. Observemos por exemplo como é definida a expressão *sementeira em pó*: “Faziam a sementeira “em pó”, isto é , metiam o milho na terra antes da chegada das chuvas” (p. 16); e o termo *cangabaixo*: “Zepa acendeu o cangabaixo - sementes de purgueira enfiadas num espeto -, introduziu a extremidade num interstício da parede”(p. 80), etc.
- 38 - Baltasar Lopes, *Chiquinho*, p. 104 e 236.
- 39 - Teobaldo Virgínio, *Beira do Cais*, p. 27 “moleza de morna é chave que abre peito de morena”.
- 40 - João Rodrigues, *Folhas Verdes* no 5, “quando / fecharam-te os olhos / cruzaram-te as mãos”. Eis a explicação do autor: “Duas influências: crioulo e português do Brasil; o próprio crioulo (de São Vicente, sobretudo) tem muita influência do português do Brasil.”
- 41 - Por exemplo: Manuel Lopes, *O Galo Cantou na Baía*, p. 165: “Conheço ele muito bem”.
- 42 - V. Luuanda, de José Luandino Vieira (1964).
- 43 - V. Ascêncio de Feitas, *E as Raiva Passa por cima, Fica Engrossar um Silêncio* (1979).

BIBLIOGRAFIA

- AMARÍLIS, Orlanda - *Ilhéu dos Pássaros*, Lisboa: Plátano Ed., 1982, 136 p.
- CABRAL, Nelson Eurico - *Le Moulin et le Pilon. Les îles du Capvert*, Paris: L'Harmattan / Agence de Coopération Culturelle et Technique, 1980, 192 p.
- CARDOSO, Pedro - *Folclore Caboverdeano*, Porto: Ed. Maranus, 1933, 120p. [Reed. em Paris: Solidariedade Caboverdiana, 1983, com uma introdução de Luíz Silva e um prefácio de Alfredo Margarido].
- CLARIDADE - Revista de Artes e Letras. 9 números. São Vicente, 1936-1960.
- FERREIRA, Manuel - *Voz de Prisão*, Porto: Ed. Inova, [1971], 164p.
- FOLHAS VERDES, 7 números, Praia, 1981-1982.
- FREITAS, Ascêncio de - *E as Raivas Passa por Cima, Fica Engrossar um Silêncio*, Lisboa: África Ed. 1979, 138 p.
- LABAN, Michel - *Cabo Verde - Encontro com Escritores*, 2 vol., Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1992, 782 p.
- LOPES FILHO, João - *Estória, Estória...* Lisboa: ed. Ulmeiro, 2a ed., aum., 1983, 128 p. [1ª ed. 1978.]

- LOPES, Baltasar - *Chiquinho*, São Vicente: Ed. Claridade, 1947, 300p. [Reed. Linda-a-Velha: ALAC, 1984, com um prefácio de Alberto Carvalho.]
- LOPES, Manuel - *Chuva Braba*, Lisboa: Ed. 70, 1982, 168p. [1ª ed. 1956.]
- *O Galo Cantou na Baía*. Lisboa: Orion, 1959. 224 p.
- *Os Flagelados do Vento Leste*. Lisboa: Ed. 70, 1985, 224p. [1ª ed. 1960]
- MIRANDA, Nuno de - *Cais de Pedra*, Praia: Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco, 1989, 318 p.
- MONTEIRO, Félix - “Páginas esquecidas de Guilherme Dantas”, in *Raízes* n° 21, junho de 1984, Praia, p. 123-186.
- PONTO & VIRGULA - Revista de Intercâmbio Cultural, 17 números, São Vicente, 1983-1987.
- RAÍZES , 21 números, Praia, 1977-1984.
- ROMANO, Luis - *Cabo Verde - Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio*, Lisboa: Ed. da revista *Ocidente*, 1970, 212 p. [1ª ed. em 1967.]
- *Famintos*, Lisboa: Publ. Nova Aurora, 1975, 344 p.
- *Ilha*. São Vicente: Ilhéu Editora, 1991, 252 p.
- *Negrume* (Lzimparin), Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1973, 224 p.
- SILVA, Baltasar Lopes da - *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, 398 p. [1ª ed., 1957.]
- SILVA, José Lopes da - *Alma Arsinária*, Lisboa: 1952, 2 vol., 304 p. +104 p.
- SILVEIRA, Onésimo - *A Saga das As-secas e das Graças de Nossa Senhor*, Lisboa: Publ. Europa-America, 1991, 224 p.
- SOUSA, Henrique Teixeira de - *Djunga*, Lisboa: Publ. Europa-América, 1990, 312 p.
- TAVARES, Eugênio - *Mornas*, Lisboa: J. Rodrigues & Ca, 1932, 110p.
- VEIGA, Manuel - *O Ju d’Agu*, Praia: Instituto Caboverdeano do Livro, 1986, 232p.
- VIEIRA, Jcsé Luandino - *Luuanda*, Luanda: ABC, 1964, 106 p.
- VIRGÍNIO, Teobaldo - *Beira do Cais*, Sá da Bandeira: Col. Imbondeiro, 1963, 32p.
